

A PELEJA DO GLUTÃO SOBRE A NATUREZA OU A ESTÓRIA DO CARAÍBA * INSACIÁVEL

Caraíba - significa Malae na língua Tupi Gurarani, uma das línguas nativas do Brasil.*

Este conto anticolonial é uma homenagem a Ailton Krenak, intelectual brasileiro e Doutor Honoris causa pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Imagem disponível: <http://infobrasile.it/amazzonia/>

Era uma vez uma sociedade formada por um povo glutão (hanesan kanteen). Esse povo era insaciável, tinha fome de tudo e que nunca acabava. Devorava tudo ao seu redor, tanto coisas físicas (árvores, jacarés, rios, lagos, bichos, pedras etc) como metafísicas (culturas, línguas, músicas, conhecimentos...), sem pensar muito no amanhã ou no que ia desaparecer. E não havia nada nem ninguém que conseguia convencê-los a não agirem dessa forma.

E assim, esses Glutões foram agindo dia a dia, sol a sol, lua a lua. Devorando insaciavelmente, e, por vezes, em certos tempos, eles também se devoravam uns aos outros. Porém, assustados com aquilo que tinham feito, paravam por algum tempo de se devorarem uns aos outros, mas continuavam a devorar tudo o que estivesse em seu caminho reto, linear, no sentido do horizonte que avistavam ao longe, em direção ao sol poente.

Depois de terem devorado tudo no lugar onde viviam e de terem devorado tudo o que estava depois do horizonte, do sol poente, precisaram parar pra pensar um pouco: os únicos lugares onde ainda não haviam petiscado (han) eram os lugares míticos, de estórias antigas, dos tempos em que o bisavô, a bisavó e as feiticeiras contavam que existiam. Paraísos em além mar, na misteriosa e sedutora placenta aquática da mãe terra.

Pensaram, pensaram, e depois de muito pensar construíram estranhas naves aquáticas para enfrentar o desconhecido e o revoltoso oceano. Navegaram longas distâncias, do tamanho de seu insaciável apetite eterno.

É verdade que no começo fracassaram. Porém, sua energia renovável naqueles estômagos ambulantes. Eles persistiram até que, finalmente, acertaram e criaram naves que pudessem viajar longas distâncias, como um grande cardume de naves-piranha de famélicos (hanesan hamlaha), laricados por mundos desconhecidos [para eles], espaços

oníricos (mehi) de pura orgia devorativa, pra iniciarem banquetes e engolir novos lugares, paladares exóticos, saborosas culturas, voluptuosas florestas (ailaran boot), refrescantes línguas....

Depois de muito navegarem, vários dos Glutões ficaram no caminho, adoeceram e morreram, não suportaram a grande aventura em direção ao preenchimento de seus buchos (estômago). Entretanto, muitos conseguiram chegar e quando chegaram, meus amigos e minhas amigas, foi a visão da emoção gastronômica. Todas as estórias que diziam os velhos, velhas e feiticeiras a respeito de um território utópico da abundância, onde tudo co-existia e em excesso, onde pairava a harmonia e comunhão, onde o olhar só avistava natureza, natureza, natureza.... prontinhos pra serem DEVORADOS!!!!

Os Glutões se deliciaram com esse novo planeta. Se lambuzaram (han kanten) nos primeiros tempos para curar as cicatrizes da dura viagem de saco vazio (kabun mamuk). Porém, em determinado momento foram descobertos pelos povos que ali viviam, os Viventes da Abundância Perene. Depois do instante inicial de apresentações os Glutões pensaram - esses aí não são glutões como nós - e seguiram confusos com aquele pensamento - tanto o que devorar e esses aí nada....

Eles não imaginaram que seres similares podiam ser tão diferentes em seus valores e tão díspares em suas fomes de tudo. Do outro lado, o olhar dos viajantes deixavam os nativos intrigados, pois percebiam algo de devorador incontinente. Tudo o que fitavam, babavam: fossem cachoeiras, mulheres, fauna silvestre, tudo!

Com o passar do tempo as desconfianças nativas foram aumentando, pois realmente a angústia esganada pelo autopreenchimento das tripas (matan naklosu) só aumentou e aumentou, criando assim um profundo conflito entre os Glutões da Escasez Infinita e aquele povo dos Viventes da Abundância Perene.

Diante da situação, antes que virassem o prato do dia, os Povos da Abundância se ergueram, prepararam seus bодоques, zarabatanas, pembas e flechas (armas de sucos tradicionais brasileiros) e foram enfrentar o desespero psicopático da digestão pronunciada. A guerra durou, dias, meses, eclipses (fulan taka), eras, mas os Viventes da Abundância não deixavam de resistir. Por outro lado, os Glutões da Escasez, guiados pelo apetite cósmico, também lutavam bravamente, pois não deixariam para trás tanta fartura natural assim, facilmente.

Durante a batalha, os Povos da Abundância, orientados pelos seus consultores de assuntos metafísicos, resolveram comer alguns Glutões que foram capturados para tentar absorver um pouco daquela energia e tentar compreender tanta obsessão. Por esse fato, foram acusados pelos seus inimigos Glutões de toda sorte de pecados, um inclusive chamado de canibalismo, que pela tradição dos Glutões da Escasez era gravíssimo, coisa de selvagem de acordo com os dogmas escritos pelos sacerdotes Glutões da Fome Eterna.

Dizem os ventos, que depois de séculos ainda continua essa batalha. Os Glutões da Escasez inconformados que ainda não conseguiram dominar os territórios dos Povos da Abundância, organizaram-se além do campo de batalha e da guerra. Suas novas empreitadas de desespero mastigativo adentraram ao campo da política, da economia e da religião. Criaram a Organização dos Glutões Unidos (OGU), organismo intergovernamental e internacional para politicamente continuar sua estratégia de devorações e afins. No campo econômico criaram o Fundo Mundial Glutão (FMG) e a Pança Mundial ou Word Pances (assim que se diz em uma das línguas dos Glutões), para dessa forma angariar fundos para campanha.

Na parte espiritual, sim, meus amigos e amigas, os Glutões também amam e além de todo seu excessivo materialismo presente nas entranhas e nas estranhas (metáfora), possuem uma parte sutil no seu eu interior (bem no fundo mesmo, quase não se vê), que busca entender uma vida glutona após a derradeira mastigação. Criaram então a Igreja Glutólica, que possui muitas regras e que durante bastante tempo afirmou que os Povos da Abundância não tinham alma (animus nulis) e não tinham terra (res nulis), podendo dessa forma serem fagocitados (teen talin) e seus territórios servirem de sobremesa.

Todos esses campos de atuação dos Glutões, acima revelados, são muito bem articulados para continuar o avanço nos territórios dos Povos da Abundância. Já que sua fome homérica insaciável, quase que milenar, destina-os a viverem eternamente na escasez.

Atilio Viviani Neto
Sociologizador (CAPES)
Membro do Centro de Pesquisas Timor-Brasil.
e-mail: atilio.neto@usp.br